

NOÇÕES DO CORPO A PARTIR DAS DISTINTAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS ADOTADAS PELAS ESCOLAS DE ANTROPOLOGIA

Miriam Vidal de **NEGREIROS**¹
Mestranda em Ciências Sociais
Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

Este trabalho possui a finalidade de apresentar uma pesquisa bibliográfica direcionada à compreensão do corpo, a partir das abordagens adotadas pelas escolas de antropologia francesa, inglesa e norte-americana, e ressaltar a importância desta produção teórica como um contraponto ao pensamento evolucionista no contexto científico do século XIX. Pesquisadoras e pesquisadores destas distintas tradições antropológicas propuseram estudar os grupos com base na cultura na qual estão inseridos; nesse sentido, o artigo direciona o olhar à noção de um corpo produzido considerando estes elementos culturais e sociais, além de propor uma discussão teórica contemplando proximidades e divergências entre estas escolas. Na conclusão desta pesquisa, sugere-se a possibilidade de se pensar o corpo a partir do estudo das sociedades ameríndias, fundamentando-se em Tania Stolze Lima (2002), ou analisar o corpo, na área da ciência médica, à esteira dos estudos propostos por David Le Breton (2011).

Palavras-chave: Evolucionismo. Etnografia. Cultura. Gênero. Grupo.

Introdução

Este trabalho possui a finalidade de mobilizar algumas concepções teóricas concebidas pelas distintas escolas de antropologia, tomando como eixo analítico a noção de corpo produzida a partir das perspectivas adotadas pelas principais autoras e autores destas tradições antropológicas e a importância destes posicionamentos teóricos à medida que se contrapuseram ao pensamento evolucionista presente no contexto científico do século XIX. A importância atribuída à reflexão de um corpo construído com base em uma perspectiva social e cultural faz-se necessária, à proporção que questiona ações políticas e coletivas pautadas na valoração de determinismos biológicos, regionais e étnicos.

¹ Endereço eletrônico: miriamnegreiros@yahoo.com.br

O desenvolvimento desta pesquisa bibliográfica resulta de uma reflexão produzida para conclusão de uma disciplina realizada em curso de pós-graduação, tomando como ponto de partida as referências teóricas antropológicas consagradas pelos expoentes da escola francesa: os antropólogos Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Marcel Mauss (1872-1950), pelos representantes da escola de Antropologia Inglesa ou Escola Funcionalista: Bronislaw Malinowski (1884-1942) e Radcliffe-Brown (1881-1954), pelas teóricas e teóricos da escola cultural: Franz Boas (1858-1942), Margareth Mead (1901-1978) e Ruth Benedict (1887-1948), por Clifford Geertz (1926-2006), um dos principais proeminentes da antropologia interpretativa e na antropologia crítica ou pós-colonial, notamos a relevante importância nas reflexões propostas por James Clifford, Frédéric Keck e Paul Rabinow, a partir dos anos 80.

Cabe mencionar que a discussão teórica a ser apresentada reforça grande relevância para se pensar o corpo nos estudos antropológicos, sociológicos e culturais. Contudo, vale ressaltar que estudos recentes, inclusive os propósitos oferecidos pela antropologia dos anos 80, no que diz respeito ao corpo, estão abarcando em grande medida as dinâmicas sociais disputadas por diversos grupos sociais, podendo contribuir de modo contundente para se pensar o corpo a partir das temáticas de gênero, diversidade sexual, ciência e tecnologia, etnologia indígena, medicina, entre outras vertentes temáticas. Na conclusão deste trabalho, indicamos pensar desdobramentos analíticos sobre a noção de corpo com apoio em algumas produções teóricas construídas pela pesquisadora Tania Stolze Lima (2002) e de sua abordagem à noção de corpo concebida pelas sociedades ameríndias, especificamente entre a etnia Juruna. Também sugerimos outro direcionamento analítico considerando o pesquisador David Le Breton (2011) e na noção de um corpo dissociado do sujeito, ocasionando reverberações na ciência médica. Assinalamos estes eixos teóricos como possibilidades de reflexão sobre o corpo e de produção de novos ensaios bibliográficos, no entanto, este trabalho está centrado em apresentar algumas representações sobre o corpo, utilizando as distintas concepções teóricas adotadas pelas escolas de antropologia. Portanto, mobilizamos alguns dos principais expoentes de cada escola de antropologia para discorrer sobre possíveis aspectos relativos ao corpo e de sua relação com o grupo e cultura em que está inserido.

Noções do corpo a partir dos referenciais teóricos utilizados pelas escolas de antropologia

Um dos temas sempre evidentes nas distintas escolas de antropologia clássicas às mais contemporâneas são os estudos relativos ao corpo. Os corpos, os crânios, os ossos medidos, o fenótipo, o processo evolutivo da barbárie à civilização, a partir de critérios biológicos, atravessaram o pensamento evolucionista do século XIX e, conseqüentemente, tiveram suas concepções rechaçadas pelas distintas mobilizações teóricas presentes nas escolas de antropologia funcionalista inglesa, cultural norte-americana, sociologia francesa, interpretativa e, mais recentemente, pela escola de antropologia crítica ou pós-colonial, pois todas forneceram distintos arcabouços teóricos para se pensar o corpo a partir de elementos sociais e culturais.

A escola de Antropologia Inglesa, conhecida como Escola Funcionalista, promoveu um notório questionamento aos postulados evolucionistas e difusionistas em vigência na antropologia clássica do século XIX e possui como principais representantes Bronislaw Malinowski (1884-1942) e Radcliffe-Brown (1881-1954). Malinowski se preocupou em contrapor o pensamento evolucionista ao conceber que a teoria antropológica não deve considerar itens isolados, mas a cultura em sua totalidade orgânica e funcional, uma vez que todas “fazem parte de sistemas definidos, próprios de cada cultura” (Malinowski, 1978, p. 10). Neste contexto, a cultura seria um sistema social integrado, um conjunto de práticas articuladas da vida material, social e simbólica. Sua grande contribuição nos trabalhos de campo foi inaugurar a etnografia, a “observação participante”, como mecanismo essencial para discorrer sobre a cultura trobriandesa. (MALINOWISK, 1978)

Nos trabalhos de Malinowski, o corpo está vinculado diretamente à vida sexual e à família trobriandesa. Em “A Vida Sexual dos Selvagens” (1982), o antropólogo se preocupou em descrever o funcionamento deste sistema matrilinear, constituído de maneira totalmente oposta à sociedade ocidental da época, num período histórico marcado pelos vestígios vitorianos de um corpo puritano. Conforme o antropólogo, entre os trobriandeses, havia liberdade sexual, a castidade antes do casamento não era conhecida pelo grupo, assim como os conceitos de fidelidade não eram levados a rigor. Sendo uma sociedade de linhagem matrilinear, os trobriandeses recusavam a figura do

pai social e do pai fisiológico, visto que eles assumiam menor papel no grupo e concebiam que as fêmeas – humanas e animais – perpetuavam descendentes, de modo independente ao ato sexual. (MALINOWISK, 1978, p. 19)

Em Radcliffe-Brow (1973), a análise procurou subtrair do trabalho de campo as regularidades, as normas e as leis gerais, vinculando a antropologia aos mecanismos utilizados nas ciências naturais.

Concebo a antropologia social como a ciência teórico-natural da sociedade humana, isto é, a investigação dos fenômenos sociais por métodos essencialmente semelhantes ao empregado nas ciências físicas e biológicas. (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p. 233)

Na tradição antropológica inglesa, estes dois pensadores apresentam similaridades e também divergências em suas respectivas compreensões teóricas. Enquanto Malinowski destaca a cultura em sua totalidade orgânica, Radcliffe-Brown se preocupa com o social, especialmente quando ressalta a definição de antropologia social como “o estudo da sociedade humana” em contraponto às formulações teóricas que defendem o “estudo da cultura” (MALINOWISK, 1978, p.233). Nesse sentido, a estrutura social seria o conjunto das relações sociais dos indivíduos; todas as crenças, costumes e padrões inerentes àquela sociedade exercem papel decisivo na vida social do grupo, de maneira análoga às funções desempenhadas por cada órgão do corpo em relação ao organismo em sua totalidade. Dessa maneira, o corpo desempenharia sua função no sentido de contribuir para o todo social.

Pautada num modelo organicista, esta escola possui caráter sincrônico e tanto Malinowski quanto Radcliffe-Brown abrem mão de referenciais históricos para explicar a organização da sociedade; todavia, a possibilidade de ruptura com o evolucionismo social vinculado à história seria compensada nos propósitos obtidos pela etnografia e pela compreensão de uma cultura a partir de uma perspectiva interna. Vale mencionar que a preocupação de Malinowisk era a de que o discurso não acadêmico pudesse vir carregado de noções negativas sobre o outro, já que, naquele período, as incursões realizadas por missionários e viajantes resultavam em relatos sobre outras culturas, o que reforçava a necessidade de uma antropologia institucionalizada.

Outra abordagem possível sobre o corpo está presente nos estudos consolidados pela escola de Sociologia Francesa. O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009) mostra a compreensão de determinado grupo sobre a dimensão da eficácia simbólica e das práticas mágicas: um indivíduo teve seu corpo cometido por um mal, oriundo de feitiço, e seus parentes e amigos se afastam dele para não sofrerem o risco de serem influenciados e comprometidos. Desse modo, a vítima não consegue escapar da força coletiva, ocorrendo seu desfalecimento e morte. A legitimidade destas práticas mágicas compreende o cumprimento de um tripé cosmogônico composto pela crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; a crença do enfermo na cura ou no mal causado pelo feitiço e, sobretudo, pela convicção da opinião coletiva, a importância da coletividade atribuída aos efeitos do feitiço sobre o indivíduo. (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 182). Trata-se de um corpo que padece, falece ou que é curado, em razão da força da coletividade direcionada ao indivíduo.

Para Lévi-Strauss, a eficácia simbólica remete a categorias sociais sancionadas pelo grupo cujo efeito recai sobre o indivíduo, de forma que o social é pensado e introjetado de modo a refletir sobre seu corpo. Esta mesma eficácia simbólica está presente em um ritual indígena Cuna, no Panamá, em que o xamã prepara o ritual de encantamento e mobiliza as entidades daquele universo cosmogônico para auxiliar uma mulher com dificuldades de parto. Os elementos desta cosmologia indígena são acionados para que a medicação psicológica seja fornecida à paciente, visto que o xamã não toca o corpo dela e não lhe administra remédio, mas, ao mesmo tempo, apresenta o estado patológico e onde ele reside. O canto compreende uma “manipulação psicológica” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 221), e a cura é o resultado desta manipulação.

A mitologia do xamã e as ferramentas utilizadas no processo de cura fazem parte da cosmogonia indígena. Ela e os membros de seu grupo acreditam. Trata-se de uma relação de símbolos: o xamã (médico) oferece a sua paciente uma linguagem que permite a ela exprimir estados de vivência, de maneira ordenada e real, que desobstruem e restabelecem o processo fisiológico da enferma. Assim, o ritual descrito envolve uma intervenção que é ao mesmo tempo psico-fisiológica e psicossocial. Portanto, é a eficácia simbólica que garante a sincronia entre mito e operações. É neste dueto que se encontra a dualidade do paciente e do médico, na qual ambos têm um papel ativo. O antropólogo cita o exemplo da esquizofrenia em que a cura consiste na execução das

operações pelo médico e na produção do mito pelo doente; na cura xamânica, o médico produz o mito e a paciente realiza as operações.

Similar à importância da coletividade atribuída por Lévi-Strauss, o antropólogo francês Marcel Mauss (1872-1950) descreve a ideia de morte sugerida pela coletividade e seus efeitos físicos no corpo do indivíduo, geralmente numa condição em que houve um rompimento na comunhão e nas forças sagradas que o mantém; o indivíduo crê estar enfeitiçado e morre por esse motivo, um corpo padece em detrimento do coletivo (MAUSS, 2013, p. 349). Nesta mesma obra, o antropólogo elabora um tratado relativo às técnicas do corpo. Em “técnicas corporais”, Mauss define esta técnica como uma marca social inscrita no corpo do grupo e representam um ato tradicional eficaz, incluindo nela a força mágica, religiosa e simbólica. (MAUSS, 2013, p. 401). O corpo é a própria técnica e representa o instrumento primeiro onde são inscritas as tradições desta sociedade (MAUSS, 2013, p. 407).

O ato de utilizar o corpo humano só é possível por meio da educação, que se sobrepõe à imitação. Na infância, bem como na fase adulta, a criança reproduz atos realizados por pessoas de confiança, de referência e que exercem autoridade sobre ela, tornando a ação uma “imitação prestigiosa” (MAUSS, 2013, p. 405). A ação de imitar implica a composição dos aspectos psicológicos, biológicos e sociais, ressaltando, em sua obra, a importância deste último. O autor apresenta diversas ações relacionadas às técnicas corporais como maneiras adquiridas de andar, portar-se à mesa, posição das mãos, formas de correr, modo como os soldados de diferentes nacionalidades se portam durante a guerra, e atenta para a noção de “habitus”, a “hexis”, o “adquirido” (MAUSS, 2013, p. 404), variáveis conforme as sociedades e do modo como a educação é transmitida.

As técnicas do corpo também são variáveis dentro do grupo por sexo e por idade. Para fundamentá-las, Mauss utiliza o exemplo do punho fechado do homem, com o polegar para fora e o da mulher com o polegar para dentro, além do movimento de socos realizados por ambos, sendo o da mulher frouxo, pois não é educada para isso; mesmo se fosse, apresentaria dificuldades (MAUSS, 2013, p. 409). Embora o autor conjugue esforços para ressaltar as técnicas corporais como atos sociais transmitidos por meio da educação, é necessário contrapor esta afirmação, à medida que a perspectiva adotada pelo autor ainda mobiliza resquícios biologizantes e naturalizantes de sexo e

gênero². Já nas técnicas por idade, o autor cita o agachamento, de fácil execução pelas crianças e de improvável desempenho pelos adultos, especialmente os ocidentais.

O antropólogo apresenta outras categorias de técnicas corporais relativas às técnicas de nascimento até a fase adulta e que ainda atravessam as concepções de sexo e gênero, especialmente as técnicas de nascimento e obstetrícia, isto é, o modo como as mulheres concebem o recém-nascido e como amamentam: se deitadas, de cócoras ou em pé, e as técnicas de desmame. Já as técnicas no período da adolescência estão direcionadas ao homem, sendo menos importantes entre as mulheres, conforme Mauss (2013, p. 413), especialmente no que diz respeito à iniciação. As técnicas na idade adulta estão relacionadas ao sono e ao estado de vigília e consideram os distintos modos de dormir: sociedades que usam ou não algum tipo de instrumento para se deitar, com ou sem travesseiro, esteira, rede, ou em volta do fogo. Ainda assim, é necessário reforçar alguns contrapontos relativos às perspectivas adotadas sobre sexo e gênero em Mauss na referida obra.

Ressaltamos as contribuições de pesquisadores como Malinowisk (1978), uma vez que, embora corpo, sexo e gênero não sejam objetos centrais de sua obra, ao descrever a cultura trobriandesa sob o aspecto de uma linhagem matrilinear e do pai fisiológico e social cuja representação assume menor atribuição, o pesquisador coloca em xeque o conceito de masculino e feminino nas diferentes culturas. Os estudos da antropóloga cultural Margareth Mead (2000), mencionados mais adiante, também apresentam distintas concepções de sexo, temperamento e papéis sociais assumidos por três grupos da Nova Guiné.

Ainda que pertençam à mesma escola de antropologia, de concepção estruturalista sob o pleito de que categorias fixas ordenam a mente humana e a cultura, Marcel Mauss e Lévi-Strauss apresentam divergências em alguns de seus encaminhamentos teóricos. Se em “técnicas corporais”, Mauss menciona a necessidade de se compreender técnicas do corpo que propiciam estados místicos, sendo estudos realizados por países como China e Índia, desde tempos muito antigos, o antropólogo se

² Vale contextualizar que o antropólogo Marcel Mauss escreveu em determinado momento histórico, sob a influência de concepções de sexo e de gênero de seu período. No entanto, contextualizamos seu texto para a história recente e apresentamos o questionamento de Judith Butler (2015, p. 14): Sob influência de Foucault, ela afirma a categoria do sexo como prática normativa, um “ideal regulatório”, uma construção materializada pelas práticas reiteradas de normas regulatórias.

apropriada do discurso nativo ao mencionar que “[...] há necessariamente meios biológicos de entrar em comunhão com o Deus[...]”, (MAUSS, 2013, p. 422). Entretanto, Lévi-Strauss o questiona à proporção que, em algum momento, Mauss ultrapassou os limites da etnografia e ficou preso às categorias e ao discurso do nativo. Contudo, ao apresentar o corpo como instrumento constituído por aspectos biológicos, psicológicos e, sobretudo, sociais, Mauss refuta o determinismo biológico defendido pelas teorias evolucionistas no contexto científico do século XIX.

Apesar de não pertencer à escola de antropologia francesa, o alemão Robert Hertz (1980) elabora uma relevante contribuição para os estudos sobre o corpo. Hertz apresenta contribuições similares às de Mauss ao tratar da polaridade existente entre as mãos direita e esquerda como análogas à polaridade religiosa entre o sagrado e o profano, afirmando que a predominância da mão direita existe pela imposição social de uma coerção e de sanções positivas a seu uso, enquanto o uso da mão esquerda é socialmente inibido. Sem negar que exista uma assimetria orgânica, o autor conclui que, se esta não existisse, “ela teria que ser inventada”, porque corresponde a um valor social.

Também, é importante destacarmos que as teorias evolucionistas foram simultaneamente rechaçadas pela escola de Antropologia Cultural ou Histórica Cultural norte-americana. Franz Boas (1858-1942) foi o primeiro antropólogo a delimitar o conceito de cultura e são dele as contribuições nas áreas da raça e cultura, antropologia da arte, da música e da necessidade de diálogo entre história e antropologia. A proposta de anti-racialização está presente em todos os pesquisadores desta tradição antropológica, sendo grandes aliados desta escola as pesquisadoras Ruth Benedict, Margareth Mead e os pesquisadores Edward Sapir, Alfred Louis Kroeber, Robert Lowie e Melville Herskovitz, entre outros. Mesmo que o legado deixado por todos estes pesquisadores e pesquisadoras seja fundamental, este trabalho se atém a Franz Boas, Margareth Mead e Ruth Benedict e aos estudos relativos ao corpo.

Dessa forma, salientamos que, no contexto científico do século XIX, a tradição antropológica era marcada pelo pensamento evolucionista, mantida por meio de uma antropologia de gabinete e seus principais representantes foram, entre outros, James Frazer, Edward Tylor e Lewis Morgan. Suas concepções teóricas compreendiam a história da humanidade vista numa perspectiva unilinear, onde todas as sociedades

passariam pelos mesmos estágios de desenvolvimento, de modo fixo e determinado, desde a selvageria e alcançando o processo de civilização, conforme o padrão de sociedade europeia.

Pode-se afirmar agora, com base em convincente evidência, que a selvageria precedeu a barbárie em todas as tribos da humanidade, assim como se sabe que a barbárie precedeu a civilização. A história da raça humana é uma só – na fonte, na experiência, no progresso. (MORGAN, 2005, p. 34)

Diante do cenário histórico do século XIX, marcado pela defesa de teorias racializadas e eugênicas, e de demarcação de uma antropologia evolucionista, Franz Boas utiliza a história para refutar esta concepção teórica pautada no neodarwinismo e na promoção da hierarquia de raças. Em sua obra “Antropologia Cultural”, o autor argumenta:

As ideias não existem de forma idêntica por toda parte: elas variam. Tem-se acumulado material suficiente para mostrar que as causas dessas variações são tanto externas, isto é, baseadas no ambiente – tomando o termo ambiente em seu sentido mais amplo -, quanto internas, isto é, fundadas sobre condições psicológicas. A influência dos fatores externos e internos sobre ideias elementares corporifica um grupo de leis que governa o desenvolvimento da cultura. (BOAS, 2005, p. 27)

Para o autor, a análise antropológica de distintas sociedades deve considerar aspectos pertinentes às condições sociais e culturais em que vivem determinados grupos, de modo que o comportamento humano não pode ser considerado a partir de elementos do determinismo e de racialização. Dessa maneira, o autor oferece a possibilidade de ruptura com o paradigma racionalizante dos evolucionistas:

Nos poucos casos em que se tem investigado a influência da cultura sobre as reações mentais de populações, pode-se observar que a cultura é um determinante muito mais importante do que a constituição física. Repito que se pode encontrar nos indivíduos uma relação um tanto estreita entre reação mental e constituição física, mas que ela estará completamente ausente no caso das populações. Nessas circunstâncias, precisamos basear a investigação da vida mental do homem sobre um estudo da história das formas culturais e das inter-relações entre vida mental individual e cultura. (BOAS, 2005, p. 97)

Nessa perspectiva, Boas se posicionou contra o determinismo geográfico, ambiental e racial, sendo que sua grande guinada etnográfica consistiu em comprovar a variabilidade cultural em climas e espaços geográficos similares. Em contraponto a uma evolução histórica unilinear, o antropólogo afirma que distintos desenvolvimentos históricos podem acarretar resultados semelhantes. Desse modo, as contribuições relativas ao conceito de cultura e raça no pensamento boaziano prosseguiram nas discussões das antropólogas e antropólogos culturais.

A efervescência de produções teóricas das escolas norte-americana, francesa e inglesa de antropologia marcou o fim do século XIX e início do século XX; neste período, as escolas de psicologia e psicanálise também conquistaram evidência, e as obras de Sigmund Freud e Carl Jung foram lidas por muitos pesquisadores, particularmente pela antropologia cultural. Elementos da psicologia, especialmente os direcionados aos comportamentos e temperamentos, influenciaram os autores vinculados à escola de cultura e personalidade como Ruth Benedict, Margaret Mead e Edward Sapir. (CASTRO, 2005)

Nesse ponto, cumpre-nos abordar a obra “Sexo e Temperamento”, da antropóloga cultural Margaret Mead, que apresenta a concepção do corpo diretamente vinculado às relações entre sexos e a maneira como estas relações estão construídas de modo distinto em três grupos da Nova Guiné: Arapesh, Mundugumor e Tchambuli. Desse forma, a antropóloga capta o princípio ou *ethos* subjacente a estas culturas, através de uma sensibilidade apurada dos temperamentos e comportamentos, e torna explícito, no início de seus escritos, que se trata de “um relato de como três sociedades primitivas agruparam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sexuais” (MEAD, 2000, p. 22).

Conforme Mead, os Arapesh apresentam uma sociedade pacífica e cooperativa, praticamente desconhecem a guerra. Os assassinos ou os que mataram em uma luta são vistos com sentimentos semelhantes e tratados com certa repulsa. Em relação à procriação, pais e mães são responsáveis pela gestação desde o início de desenvolvimento da criança; é inconcebível que o pai se ausente deste processo, pois ambos possuem a tarefa de moldar a criança. Durante o parto, o pai não deve estar presente em razão da crença Arapesh de que o sangue do parto é perigoso, assim como

o menstrual (MEAD, 2000, p. 56). O imperativo “dar à luz” é utilizado por mulheres e homens, já que a gravidez é penosa para ambos, visto que é exigido do pai uma performance sexual rigorosa durante as primeiras semanas após o término da menstruação.

Os Arapesh possuem apreço pelos meninos, já que estes serão companhia de seus pais na velhice. Contudo, se a família já possui várias meninas na família e uma nova vem ao mundo ela será abandonada; caso não seja, o desejo de ter um menino é adiado. Como não há recurso contraceptivo, às vezes, o infanticídio é acionado, especialmente se o recém-nascido tiver suas chances de crescimento e de saúde comprometidos, ou pela escassez de alimentos, ou pela quantidade numerosa de crianças, ou pela morte do pai. Desde cedo, as crianças são educadas para que sejam um adulto pacífico; resultado do temperamento cordial tanto de homens quanto de mulheres. Quando há qualquer sinal de desentendimento entre elas, os adultos intervêm rapidamente para que se preserve o aspecto dócil deste grupo. De acordo com a antropóloga, trata-se de uma sociedade em que não há hierarquia nem distinção de comportamentos para homens e mulheres. “Deixei os Arapesh com um sentimento de decepção. Não encontrara diferenças temperamentais entre os sexos, nem ao estudar suas crenças culturais, nem ao observar os indivíduos na realidade” (MEAD, 2000, p. 165).

Prosseguindo sua descrição, em contraste aos Arapesh, a antropóloga aponta o aspecto agressivo e bélico de mulheres e homens do Mundugumor. Suas moradas são dispersas e divididas pelo mato, para que se mantenha a distância entre irmãos mais novos e mais velhos. Além de se reportar ao mais velho em caso de necessidade e de modo respeitoso, o mais novo é proibido de se dirigir à mulher de seu irmão mais velho, ademais, estas interdições não eclipsam a hostilidade entre pais e filhos e entre irmãos. A mata também é separada entre as mulheres de modo hostil; elas conservam um poder sobre os espíritos da mata, de forma que, se uma mulher casada obrigatoriamente em companhia de sua cunhada, não compartilhar o resultado de uma pesca, o alimento pode ser alvo de maldição (MEAD, 2000, p. 175). Entre os Mundugumor, os pais podem dormir com suas filhas até o casamento; as mães também possuem o mesmo direito com seus filhos. “... se espera que homens e mulheres sejam violentos, competitivos, agressivamente sexuais, ciumentos e prontos a ver e vingar insultos” (MEAD, 2000,

p. 219). Os mal vistos pelo grupo são aqueles que destoam do temperamento Mundugumor – um homem dócil, cooperativo e movido pela causa do outro ou uma mulher roliça e suave, afetuosa por crianças e que amamenta os bebês de outras mulheres.

Se os comportamentos sexuais são construídos de maneira semelhante em mulheres e homens de Arapesh e Mudugumor, entre os Tchambuli, os comportamentos e temperamentos são contrastantes: as mulheres são dominadoras e os homens são dependentes, o que prova que as concepções referentes ao masculino e feminino são construções assumidas por diferentes grupos em distintas perspectivas culturais.

Cabe ressaltarmos, aqui, uma contraposição entre Margareth Mead e Mauss, uma vez que, embora este se preocupe com os aspectos sociais da transmissão das técnicas do corpo, o tratamento dado ao masculino e feminino ainda permanece atravessado por resquícios do aspecto biológico. Em contrapartida, a primeira ressalta padrões sexuais inteiramente diferentes nos grupos analisados, corroborando o fato de que estes padrões refutam concepções biológicas e universais de homens e mulheres. Vale ressaltarmos que sua obra é de notória relevância nos estudos relativos ao gênero (embora a autora não use este termo), já que refuta a concepção natural e universal destes comportamentos. De outra maneira, é importante pontuarmos que há similaridades presentes nas mobilizações teóricas de Margaret Mead e de Ruth Benedict, visto que esta pesquisadora concebe a ideia de que, mesmo que o sujeito concretize atitudes individuais, estas são construídas pelos costumes estabelecidos pela sociedade, isto é, a cultura é responsável pelo processo de socialização e, conseqüentemente, pela personalidade coletiva, por isso há uma relação existente entre cultura e personalidade. (BENEDICT, 2013)

Ruth Benedict descreve os grupos indígenas do Sudoeste Americano, sendo o Pueblo, considerado apolíneo, e seus grupos vizinhos, dionisíacos. “A situação do sudoeste fornece uma oportunidade excepcionalmente boa para o estudo do grau em que cenários psicológicos contrastantes desse tipo, depois de institucionalizados, podem moldar as culturas resultantes” (BENEDICT, 2005, p. 72). Os Pueblo priorizam a moderação, a sobriedade, não incitam a violência e nem ficam vulneráveis às emoções. Sua cultura prioriza regras que não permitem perturbação e nem excessos como a agressão. Em contraste ao Pueblo, seus vizinhos a oeste das planícies ocidentais, a

exemplo dos Zuni, Pima e Cochiti, valorizam o dionisiaco: possuem emoções expansivas, como o luto violento e descontrolado, e valorizam o descomedimento tanto psíquico por meio de sonhos, quanto os excessos físicos como a orgia, embriaguez, uso de drogas, entre outros elementos. (BENEDICT, 2005, p. 93). Desse modo, podemos afirmar que Margareth Mead e Ruth Benedict destacam a cultura como fenômeno modelador das individualidades. Cada cultura modela a personalidade básica e a condição humana, de maneira que o corpo é elemento resultante desta modelação.

Também, relevamos que a discussão acerca do conceito de cultura está presente tanto nos boazianos quanto na escola de antropologia interpretativa cujo principal expoente é Clifford Geertz (1926-2006). Além de contrapor-se à Malinowisk, no sentido de que a cultura de um grupo não pode ser reproduzida, somente interpretada; em “Interpretação das Culturas”, Geertz fundamenta-se na concepção weberiana para definir o conceito de cultura a partir de uma perspectiva semiótica:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, “a procura do significado”. (GEERTZ, 2008, p. 4)

O antropólogo hermenêutico pensa a cultura a partir do ato interpretativo e se contrapõe a Radcliffe-Brown, à medida que não há como organizar o comportamento de modo regular, objetivo e não é possível extrair leis gerais do comportamento humano. Desse modo, apresenta uma séria crítica ao cientificismo, às leis gerais e às regularidades em “Descrição Densa”, pois a cultura é um legado social que o indivíduo adquire no grupo; isso é uma concepção evidente na obra do autor, especialmente na descrição das piscadelas e em Brigas de Galos, sendo o corpo a expressão da cultura.

Fundamentando-se no trabalho de Gilbert Ryle, Geertz apresenta uma análise sobre as piscadelas: dois meninos piscam o olho direito; em um deles, se trata de um tique nervoso, o outro exhibe uma ação conspiratória a um amigo. Sob a perspectiva do modelo fenomenológico, não haveria diferenças entre estas duas ações. No entanto, aos olhos de uma visão hermenêutica da cultura, as duas piscadelas representam interpretações distintas, visto que a primeira é um tique e a segunda refere-se a uma comunicação de um “código socialmente estabelecido” (GEERTZ, 2008, p. 5). A

seguir, o autor cita um terceiro menino que produz piscadelas grosseiras e óbvias, na frente de seus amigos para provocar e ridicularizar o primeiro garoto. Trata-se de um ato proposital; se não fosse para aparecer desta forma, o objetivo não seria cumprido. Desse modo, a prática etnográfica deve se preocupar na forma como estas ações, a exemplo da piscadela, devem ser produzidas percebidas e interpretadas.

Em “Briga de Galos”, Geertz oferece um caminho a ser percorrido pela prática etnográfica ao se posicionar como alguém em interação com o evento analisado e que descreve sua interpretação a partir da experiência promovida pelo grupo. Certamente, a Briga de Galos é um componente fundamental na constituição dos indivíduos e nas relações sociais que atravessam a cultura local. Geertz apresenta um monumento da antropologia interpretativa. Todavia, cabe destacarmos que, durante sua prática etnográfica na aldeia balinesa, o autor não revela dados nem nomes dos informantes. Esta observação não minora as relevantes contribuições de sua obra, no entanto, se diferencia das intervenções priorizadas pela escola de antropologia crítica.

Avançando em nossa exposição, é importante citarmos que, a partir da década de 80, a escola de antropologia crítica ou pós-moderna aponta para a necessidade de uma etnografia em que múltiplas vozes de informantes sejam reconhecidas e protagonistas no processo etnográfico. Os principais representantes desta escola são os pesquisadores James Clifford, George Marcus, Michel Fischer, Paul Rabinow, Richard Price, Michel Taussing. Entretanto, para nossa discussão neste artigo, apresentamos as contribuições teóricas de James Clifford e de Paul Rabinow e de seu estudo remetido ao corpo e à medicina do século XX.

Um dos temas abordados por James Clifford (2008) é o questionamento ao modo como a autoridade etnográfica foi construída no século XX, visto que os trabalhos de campo consolidados não apresentaram o papel dialógico com intérpretes ou informantes mais próximos, colocando-os num papel secundário ou mesmo desprezados, sendo trabalhos realizados somente por antropólogos profissionais. Para corroborar seu argumento, Clifford cita a obra “Os Argonautas”, de Malinowisk, e a coloca sob a perspectiva de uma antropologia experiencial, reforçada pela concepção de que “[...] você estava lá, porque eu estava lá [...]” (CLIFFORD, 2008, p. 18), uma vez que, enquanto ocorre o ato cerimonial do kula e todos estão concentrados na troca de colares, aparentemente o olhar de um trobiandês se direciona para a câmera, sugerindo a

presença do observador, e de uma cultura que poderia ser assimilada a partir da experiência de um antropólogo profissional e treinado. Desse modo, Clifford faz uma crítica contundente à forma como a antropologia foi institucionalizada naquele período.

Mais adiante, o autor aponta para a necessidade de que informantes e anônimos de determinada cultura se façam presentes no empreendimento etnográfico. Prosseguindo o questionamento à obra de Malinowisk, para mencionar que ela contém uma série de registros detalhados sobre encantamentos mágicos, que não foram necessariamente expressos pelo pesquisador e que, sem dúvida, foram ditados por estes informantes e anônimos da cultura trobiandesa (CLIFFORD, 2008, p. 46). Assim, o autor propõe que estas presenças sejam protagonistas no processo etnográfico e ressalta a necessidade do modelo de autoridade polifônico e dialógico: este seria a concretização de uma negociação colaborativa na etnografia, envolvendo um ou mais sujeitos; aquele seria a possibilidade de representação de múltiplas vozes na produção etnográfica. “Sujeitos falantes em campos de múltiplos discursos” (CLIFFORD, 2008, p. 47).

Portanto, trata-se de um contraponto aos textos etnográficos clássicos, bem como o modo como são produzidos, a representação do autor/autores, as mobilizações teóricas utilizadas para descrição do campo e a necessidade de se destacar a fala, a contribuição e autoria do informante. No que diz respeito ao corpo, Paul Rabinow em autoria com Frédéric Keck (2008) produziram uma discussão referente à medicina do século XX e ao seu novo paradigma: a concepção do sujeito a partir do mapeamento do genoma. Para isso, os autores mobilizam o posicionamento dos cientistas sobre o papel da genética e de sua atribuição relativa ao corpo enquanto um conjunto de predisposições e de probabilidades que permitem prever comportamento futuros e doenças em indivíduos aparentemente normais e saudáveis.

Os autores problematizam este paradigma, à medida que o corpo e sua intimidade genealógica são expostos coletivamente à investigação científica, admitindo o esquadrinhamento de um corpo atravessado por normas e regularidades. Trata-se de uma concepção na qual as predisposições para doenças são analisadas puramente em seu aspecto biológico, sem considerar as construções culturais assimiladas pelo corpo. Além disso, apresentam o posicionamento de distintos atores da sociedade como os cientistas, associações de doentes, juristas, comitês de ética, Estados e empresas privadas na condução deste assunto e que a discussão sobre o mapeamento genético se

reconfigura a todo instante, visto que novos atores se manifestam contrários ou favoráveis à investigação deste corpo a partir de estruturas minúsculas, quase invisíveis dos cromossomos.

Nesse sentido, ressaltamos, com base nesses teóricos, que a descoberta de possíveis doenças a serem desencadeadas no futuro fez com alguns grupos sociais assumissem sua própria enfermidade e se recusassem a participar do processo de mapeamento do genoma. Eles colocam também algumas questões cruciais como quais corpos interessam no contexto desta investigação científica; ou até que ponto a intervenção de empresas privadas no mapeamento do genoma não os tornam proprietários de nossos corpos.

É importante informarmos que os autores sinalizam de forma crítica para o modo como o mapeamento do genoma é conduzido, uma vez que estas pesquisas podem suscitar a valorização e produção de um corpo musculoso, ou predisposto à música e outros talentos, reforçando a ideia de um corpo protegido não só contra a doença, mas um corpo predisposto a ser “mais forte, mais belo, mais inteligente”, (RABINOW E KECK, 2008, p. 97), o que poderia provocar a insurgência de concepções neodarwinistas e eugênicas. Também, notamos, durante a descrição do texto, que há uma preocupação dos referidos autores em mobilizar inúmeras discussões da sociedade civil, partindo da esfera judiciária sobre acatar ou não o processo movido por um indivíduo contra uma universidade que patenteou as células extraídas de seu próprio corpo, como resultado de um tratamento bem sucedido do câncer, para que fossem utilizadas em tratamentos similares; ou a solicitação de empresas de biotecnologia sobre patentes de partes do genoma sequenciado (RABINOW E KECK, 2008, p. 102).

Por fim, encerrando esta seção, observamos que as discussões bibliográficas promovidas neste sucinto texto visaram a movimentar breves noções sobre o corpo em suas distintas tradições antropológicas. Trata-se de um campo onde residem diversas mobilizações teóricas, contendo possíveis desdobramentos sobre a cultura, sociedade e suas possíveis implicações sobre o corpo.

Considerações finais

As teorias antropológicas abordadas neste trabalho viabilizaram diferentes interpretações e desdobramentos nos estudos relativos ao corpo, especialmente em contraponto ao pensamento evolucionista do século XIX. Reafirmamos a importância atribuída à reflexão de um corpo construído a partir de uma perspectiva social e cultural, para a contraposição de ações políticas e coletivas fundamentadas na valoração de determinismos biológicos, regionais e étnicos.

Como em qualquer discussão teórica, elas possuem repercussões importantes e também limitações, mas que podem ser tomadas como fonte de referencial teórico para favorecer o empreendimento de novas concepções teóricas sobre a noção de corpo. Em sequência à discussão sobre cultura e de seus desdobramentos sobre o corpo nas sociedades indígenas, novos ensaios podem ser construídos a partir das contribuições fornecidas por Tania Stolze Lima (2002), no que diz respeito à noção de corpo concebida pelas sociedades ameríndias, especificamente a etnia Juruna. A autora relata a história do indígena Taykapi e de como o seu contato com o peixe trairão durante uma pesca modificou seu corpo, conduzindo-o num processo para tornar-se xamã, assegurado pela crença, pela validade dos membros de seu grupo e pelo seu sistema cultural.

Pensando em outro direcionamento sobre o tema corpo, a discussão apresentada pelos autores da antropologia crítica sobre o mapeamento do genoma pode fornecer uma problematização sobre o corpo na área da ciência médica. Para despertar e corroborar esta possibilidade de discussão, a abordagem concebida por David Le Breton (2011) permeia a ideia de que o homem está separado de seu corpo, como consequência das experiências anatômicas e da dissecação de cadáveres a partir do século XV, sendo acentuado pelo racionalismo cartesiano e pela filosofia mecanicista nos séculos XVII e XVIII, e o corpo passou a ser um mero acessório do homem, dissociado do sujeito, ocasionando reverberações sobre uma nova ciência médica pautada no conhecimento fragmentado do corpo.

Referências

BENEDICT, Ruth. *A ciência do costume*. Padrões de Cultura. Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013. (Coleção Antropologia). p. 15-29.

BENEDICT, Ruth. Configurações de Cultura na América do Norte. In MEAD, Margaret; BENEDICT, Ruth; SAPIR, Edward. *Cultura e Personalidade*. Seleção, apresentação e revisão técnica de Celso Castro. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Organização Celso Castro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. Corpos que importam (prefácio de Bodies that matter. On the Discursive Limits of “Sex”. New York: Routledge, 1993). *Sapere Aude* 6 (11), 2015.

CASTRO, Celso. Apresentação. In MEAD, Margaret; BENEDICT, Ruth; SAPIR, Edward. *Cultura e Personalidade*. Seleção, apresentação e revisão técnica de Celso Castro. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Antropologia e literatura do século XX. Organização e revisão técnica de José Reginaldo Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 13ª impr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HERTZ, Robert. A Preeminência da Mão Direita: Um Estudo sobre a Polaridade Religiosa. Tradução de Alba Zaluar. *Religião e Sociedade*, volume 6. Rio de Janeiro, ISER, 1980. p.100-125

KECK, Frédéric; RABINOW, Paul. Invenção e representação do corpo genético. In CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História do Corpo*. v. 3 (o século XX). Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. p. 83-105.

LE BRETON, David. *A Antropologia do Corpo e Modernidade*. Trad. de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Eficácia Simbólica e O feiticeiro e sua magia*. Antropologia Estrutural. Trad. Beatriz Perrone-Moises. São Paulo: CosacNaify, 2012. p. 181-200 e p. 201-220.

LIMA, Tania Stolze. O que é um corpo? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2002, p. 9-19.

MALINOWSKI, Bronislaw Karper. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné-Melanésia.

Trad. de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. Revisão de Eunice Ribeiro Durham. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores.

MALINOWSKI, Bronislaw Karper. *A vida sexual dos selvagens*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1983.

MAUSS, Marcel. Efeito físico no indivíduo na ideia de morte sugerida pela coletividade (Austrália, Nova Zelândia) e As técnicas do corpo. In MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. CosacNaify, 2003. p. 345- 358 e p. 399-420.

MEAD, Margareth. Sexo e temperamento. *Coleção Debates* 5, 4ª ed., 2000.

MORGAN, Lewis Henry. *A Sociedade Antiga ou investigações sobre as linhas do progresso humano desde a selvageria, através da barbárie, até a civilização*. Evolucionismo cultural. 2ª edição. Textos de MORGAN, TYLOR e FRAZER. Organização Celso Castro. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005. p. 34-47.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sobre a Estrutura Social. In RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1973. p. 232-251.

BODY NOTIONS FROM THE DIFFERENT THEORETICAL PERSPECTIVES ADOPTED BY ANTHROPOLOGY SCHOOLS

ABSTRACT

This work has the purpose of presenting a bibliographical research directed to the comprehension of the body, from the approaches adopted by the schools of French anthropology English and North American and emphasize the importance of theoretical production as a counterpoint to evolutionist thinking in the scientific context of the 19th century. Researchers of these different anthropological traditions proposed to study the culture from they are inserted. Nevertheless, this work will direct the to look at the notion of a body produced from these cultural and social elements, besides proposing a theoretical discussion contemplating proximities and divergences between these schools.

In the conclusion of this work, it's suggested the possibility of thinking the body from the study of Amerindian societies, based on Tania Stolze Lima (2002) or analyze the body, in the area of medical science from the studies proposed by David Le Breton (2011).

Keywords: *Evolution. Ethnography. Culture. Gender. Group.*

Envio: Março/2017
Aceito para publicação: Junho/2017